

MARIA DA GRAÇA SANTIAGO VIEGAS  
RISONILDA DE SOUSA CAMELO LIMA  
ROSA ANGELA SANTIAGO VIEGAS  
VALDENIRIA SOARES COIMBRA

**MULHER NO MAGISTÉRIO: INSERÇÃO E FEMINIZAÇÃO NO ENSINO  
BÁSICO FUNDAMENTAL EM LARANJAL DO JARI - AP**

LARANJAL DO JARI - AP  
2010

MARIA DA GRAÇA SANTIAGO VIEGAS  
RISONILDA DE SOUSA CAMELO LIMA  
ROSA ANGELA SANTIAGO VIEGAS  
VALDENIRIA SOARES COIMBRA

**MULHER NO MAGISTÉRIO: INSERÇÃO E FEMINIZAÇÃO NO ENSINO  
BÁSICO FUNDAMENTAL EM LARANJAL DO JARI - AP**

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para obtenção da graduação de Licenciatura Plena e Bacharelado em Ciências Sociais, sob a orientação da Professora Msc. Iraci de Carvalho Barroso.

### FICHA CATALOGRÁFICA

Viegas, Maria da Graça Santiago. Lima, Risonilda de Sousa Camelo. Viegas, Rosa Angela Santiago. Coimbra, Valdeniria Soares. Mulher no Magistério: Inserção e Feminização no Ensino Básico Fundamental em Laranjal do Jari –AP: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues e Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe. Maria da Graça Santiago Viegas, Risonilda de Sousa Camelo Lima, Rosa Angela Santiago Viegas, Valdeniria Soares Coimbra.

Laranjal do Jari (Amapá), 2010.

Folhas: 45

TCC( Graduação de Licenciatura Plena e Bacharelado em Ciências Sociais)-Universidade Federal do Amapá, 2010

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Msc. Iraci de Carvalho Barroso

1 – Pesquisa Sociológica

1 – Mulher no Magistério: Inserção e Feminização no Ensino Básico Fundamental em Laranjal do Jari - AP

MARIA DA GRAÇA SANTIAGO VIEGAS  
RISONILDA DE SOUSA CAMELO LIMA  
ROSA ANGELA SANTIAGO VIEGAS  
VALDENIRIA SOARES COIMBRA

**MULHER NO MAGISTÉRIO: INSERÇÃO E FEMINIZAÇÃO NO ENSINO  
BÁSICO FUNDAMENTAL EM LARANJAL DO JARI – AP**

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para obtenção da graduação de Licenciatura Plena e Bacharelado em Ciências Sociais, sob a orientação da Professora Msc. Iraci de Carvalho Barroso.

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2010

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Msc. Iraci de Carvalho Barroso

---

Examinador (a):

---

Examinador (a):

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos primeiramente a Deus por ser fonte de inspiração e força.

Aos que contribuíram para a realização deste trabalho, em especial a nossa orientadora, pelos ensinamentos, a todos os professores do nosso curso que contribuíram para nosso aprendizado e aos colegas de curso, pelas valorosas discussões.

A equipe de professoras das Escolas campo: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues e Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe, em especial as professoras de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, que fizeram parte deste estudo.

Aos pais, maridos, filhos, irmãos, pelo apoio e colaboração nos momentos difíceis e em todas as necessidades.

O conceito de paixão, utilizado no desempenho docente quando se refere às mulheres professoras principalmente, mostra que o ato de educar outro ser humano é difícil, exige força interior e vontade.

(Jane Soares de Almeida)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>I – MULHER, TRABALHO E FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO</b> .....	12
1.1 – Mulher e Teoria do Patriarcado.....	12
1.1.1 – Emancipação da Mulher.....	14
1.2 – Perspectivas Teóricas Sobre a Feminização do Magistério.....	16
<b>II – INSERÇÃO DA MULHER NO MAGISTÉRIO</b> .....	19
2.1 – O Público e o Privado: A mulher no magistério.....	19
2.2 – A Profissão de Magistério e as Condições de Trabalho.....	21
2.2.1 – Mulher na Escola.....	24
2.3 – Feminização do Magistério na Visão de Professoras do Ensino Fundamental de Laranjal do Jari .....	27
<b>III - O MAGISTÉRIO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS EM LARANJAL DO JARI</b> .....	31
3.1 – Histórias de Conquistas de Mulheres no Magistério .....	31
3.1.1 – Desafios de Professora no Magistério .....	33
3.2 – O Saber disciplinar de Professoras no Cotidiano Escolar de 5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup> séries.....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS</b>	
<b>FONTES PRIMÁRIAS</b> .....	42
<b>FONTES SECUNDÁRIAS</b> .....	43
<b>APÊNDICE</b> .....	45

## RESUMO

O presente trabalho visa um estudo sobre os fatores que levaram a inserção da mulher no magistério e o processo de feminização do ensino no contexto urbano do município de Laranjal do Jari. O estudo utiliza a pesquisa qualitativa tendo a entrevista com roteiro semi-dirigido como instrumento, abordando questões como: inserção de mulheres no ensino fundamental de 5ª a 8ª séries, magistério como profissão feminina, áreas de formação e contribuição do trabalho educacional com as demais áreas das quais participam em diferentes momentos da história. Ressaltar-se-á os pontos relevantes para o entendimento do papel da mulher no magistério na sociedade capitalista, destacando os aspectos que influenciaram e/ou influenciam a participação feminina no magistério e o significado de sua participação, através de uma abordagem sociológica, procurando explicitar os motivos que levaram a inserção e a predominância de mulheres no magistério em Laranjal do Jari. A pesquisa sociológica evidencia que historicamente o magistério se configura como uma profissão feminina e através de conquistas e desafios, a mulher conquistou seu espaço no serviço público, ressaltando que a maioria das entrevistadas ingressou no magistério por falta de opção de área de formação e, sobretudo por ser uma área com uma grande demanda de emprego, logo, não foi por vocação.

Palavras-chave: **feminização, magistério, professora.**

## ABSTRACT

The present work seeks a study about the factors that took the woman's insert in the teaching and the process of feminization of the teaching in the urban context of the municipal district of Laranjal do Jari. The study uses the qualitative research tends the interview with route semi-driven as instrument, approaching subjects as: women's insert in the fundamental teaching from 5th to 8th series, teaching as feminine profession, formation areas and contribution of the educational work with the other areas of the which participate in different moments of the history. It will be pointed out the important points for the understanding of the woman's paper in the teaching in the capitalist society, the aspects that influenced e/on highlighting influences the feminine participation in the teaching and the meaning of your participation, through a sociological approach, seeking explicit the reasons that took the insert and the women's predominance in the teaching in Laranjal Jari. The sociological research evidences that historically the teaching is configured as a feminine profession and through conquests and challenges, the woman conquered your space in the public service, pointing out that most of the interviewees entered in the teaching for lack of option of formation area and, above all for being an area with a great employment demand, therefore, was not for vocation.

Word-key: **feminization, teaching, teacher.**



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo estudar a inserção e a feminização do magistério no ensino básico de 5ª a 8ª séries em Laranjal do Jari-AP. Este estudo tomou por base teórica os estudos entre outros, como o de Bruschini e Amado (1988, p. 5) em que afirmam, “no Brasil, como em inúmeros outros países, o magistério é uma atividade profissional predominantemente feminina” e Almeida (1996 e 1998) que reafirma esta posição, discutindo o processo de feminização da docência.

Nos estudos destas autoras, elas constataram que o processo de feminização ocorreu primeiramente nas séries iniciais e embora tendo predominância nestas séries, estendeu-se às séries mais avançadas do ensino. Neste sentido, percebeu-se a relevância de um estudo voltado para o ensino fundamental de 5ª a 8ª séries, em decorrência de não se ter encontrado no Estado do Amapá e especificamente em Laranjal do Jari, tanto na produção sociológica quanto na produção educacional, trabalhos sobre a feminização do magistério.

A escolha das 5ª a 8ª séries deu-se em razão da afinidade das pesquisadoras com a temática e da observação das participantes sobre um número expressivo de mulheres nestas séries em Laranjal do Jari. A preocupação de verificar como se deu a inserção e feminização do magistério, levantou vários questionamentos que nortearam a investigação, entre eles, destaca-se, que fatores levaram a inserção e a feminização no magistério no ensino básico fundamental em Laranjal do Jari?

Para os questionamentos levantaram-se as seguintes hipóteses: as mulheres escolheram a profissão de magistério por ser acessível, tanto do ponto de vista financeiro, quanto da disponibilidade de vagas no mercado de trabalho; a maioria das profissionais do magistério no município de Laranjal do Jari escolheu esta profissão por ser uma das poucas áreas ofertadas neste município.

Para atingir os objetivos propostos, o estudo apoiou-se numa abordagem qualitativa, observação participante com a utilização de entrevistas. Sobre este método assim se expressa Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões particulares. Ela ocupa nas Ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ela trabalha o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 2007, p. 21)

Quanto à escolha da entrevista deu-se em função do processo de interação social entre as entrevistadoras e as entrevistadas. Neste sentido, afirma Huguette (1987, p. 77) que “o

ponto a considerar na entrevista é a interpretação de dados subjetivos referentes ao fato de que o informante está transmitindo sentimentos ou atitudes relacionados com o passado e não sentimentos presentes”.

Do universo de aproximadamente 150 (cento e cinquenta) professoras atuando no magistério estadual e municipal de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries de Laranjal do Jari, optou-se para trabalhar com uma amostra significativa de 20 (vinte) professoras em 2(duas) escolas, por considerar que esta responde aos objetivos propostos.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues, situada a Avenida Cultura, nº 227 bairro Agreste. Foi fundada em 04 de março de 1991 sob o decreto lei nº. 0047 atende as modalidades de 2<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries e Ensino Médio EJA (Educação de Jovens e Adultos), tem em seu quadro um total de 72 (setenta e dois) professores, sendo 20 (vinte) homens e 52(cinquenta e duas) mulheres.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe, localizada a Avenida Tancredo Neves, bairro Agreste. Foi fundada em 30 de dezembro de 1996 sob o decreto lei nº 084. Esta escola atende as modalidades de Ensino Fundamental Regular (4<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries) e EJA (Educação de Jovens e Adultos - 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> etapas). Funciona com uma equipe de 46 (quarenta e seis) professores, sendo 18(dezoito) homens e 28 (vinte e oito) mulheres.

Deste universo foram selecionadas de forma aleatória, 10(dez) professoras, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues e 10 (dez) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe. Para tal, utilizou-se um roteiro de perguntas semi-dirigidas com o intuito de observar a realidade destas professoras e sua inserção no magistério de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries. Nos relatos das informantes, os nomes são utilizados de forma fictícios, preservando as suas identidades.

Com a organização de três capítulos deste estudo, tem-se o intuito de apresentar no primeiro capítulo: Mulher, Trabalho e Magistério uma abordagem referente à mulher e a teoria do patriarcado que mostra a mulher subjugada à dominação masculina; a emancipação da mulher que demonstra os avanços, sobretudo, a partir da década de 70 do século XX e as perspectivas teóricas sobre a feminização do magistério.

No segundo capítulo trata da Inserção da Mulher no Magistério, abordando a explosão da desconstrução e a desnaturalização do sexo biológico, a mulher assume seu papel na esfera pública, maciçamente inserida no magistério ocasionando a feminização deste.

No terceiro capítulo: O Magistério e a Formação de Professoras tratam das discussões mais específicas sobre a mulher e suas histórias de conquistas e desafios no magistério de 5<sup>a</sup> a

8ª séries existentes em Laranjal do Jari, enfocando as diversas formas de saberes de professoras no cotidiano escolar.

Acredita-se que a pesquisa é relevante para a sociedade e para a academia e, sobretudo, para as Escolas de Laranjal do Jari e para as escolas do Estado do Amapá.

## **I - MULHER, TRABALHO E MAGISTÉRIO.**

### **1.1 – Mulher e Teoria do Patriarcado**

O Brasil, como todo país colônia, seguiu o modelo de comportamento e dominação da metrópole. Portugal era um país com uma sociedade tipicamente patriarcal. Logo, tal modelo de dominação foi implantado no Brasil, neste modelo de dominação as mulheres obedeciam aos homens e as regras ditadas por estes, limitando suas tarefas em atividades domésticas ou religiosas.

Para dominar o comportamento feminino uma série de restrições eram impostas às mulheres como: pouca educação formal, casamentos precoces arrumados pelos familiares e ato sexual com uma finalidade apenas à procriação.

A maternidade foi o refúgio que a mulher encontrou para se defender contra a exploração nas difíceis condições de vida na colônia. Neste sentido, Cardoso (1994, p. 45), também relata que a igreja exercia forte pressão sobre o adestramento sexual feminino para manter o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas. A justificativa dessa repressão consistia na superioridade masculina mantida pela sociedade misógina, firmado nos escritos eclesiásticos.

Na unidade do patriarcado é a família que gera os valores e as normas regidas pelo homem e coloca a mulher como ser inferior em segundo plano. Vê-se que o sistema patriarcal transformou a mulher em elemento de opressão e exploração, uma vez que os homens devem ser educados para ter sucesso nos negócios e nas próprias relações de poder. Quanto às mulheres o padrão deve ser dócil, de companheiras e submissas.

Segundo Moraes (2002. p. 28), o patriarcalismo constrói uma falsa dicotomia entre o emocionalismo feminino e a racionalidade masculina. “Podemos enfocar que esses conceitos delineiam as crenças culturais sobre a natureza das mulheres e dos homens nas sociedades do mundo”. Desde os primórdios da História da Humanidade, ao homem foi dado o título de produtor e à mulher de reprodutora, diferenciando e separando as funções, atribuições e capacidades de cada um, havendo sempre uma sobreposição do homem sobre a mulher.

Segundo Santos (1994. p. 301), “[...] O patriarcalismo é a principal causa da discriminação que as mulheres sofrem dentro e fora da família”. O autor ainda ressalta que o

patriarcalismo fez com que a mulher tenha hoje para muitos o papel principal na reprodução biológica. Neste contexto, a sexualidade da mulher consistia apenas em sua capacidade a serviço da reprodução. “Em sua forma mais primitiva o patriarcalismo apareceu como um Estado Arcaico” (MORAES, 2002. p. 21).

Para Cruz (2005, p. 38) “O que se quer é destacar que o patriarcado teria, em sua essência, um sistema de dominação social, cultural, político, ideológico e econômico”. O patriarcado é identificado como a organização hierárquica masculina da sociedade, que se perpetuou através do matrimônio, da família e da divisão sexual do trabalho. (idem, p. 40)

Para Castells (2006, p.170), a família patriarcal, base fundamental do patriarcalismo, vem sendo contestada neste fim de milênio pelos processos inseparáveis de transformação do trabalho feminino e da conscientização da mulher como ser igual ao homem com direito as mesmas prerrogativas e de controlar seus corpos e suas vidas. A transformação da conscientização da mulher e dos valores sociais ocorrida em menos de três décadas em quase todas as sociedades traz conseqüências fundamentais para a experiência humana do poder político até a estrutura da personalidade.

De acordo com Castells (2006), as identidades pessoais e sociais e as relações entre homens e mulheres fazem parte de nossa vivencia, não há uma identidade masculina e uma identidade feminina que determine uma situação, nesses termos as mulheres podem ou não submeter-se à opressão ou recusá-la.

O enfraquecimento da família patriarcal na década de 90 apresenta como indicadores a dissolução de lares, por meio do divórcio ou separação dos casais; dificuldade em compatibilizar casamento, trabalho e vida, associa-se ao adiamento da formação de casais e a formação de relacionamentos sem casamento o que enfraquece a autoridade patriarcal, tanto institucionalmente quanto psicologicamente; lares de solteiros e os habitados por apenas um dos pais ressalta as variedades das estruturas domésticas, diluindo o predomínio do modelo de família clássica comprometendo sua reprodução social; instabilidade familiar e a crescente autonomia das mulheres com relação ao seu comportamento reprodutivo aumentando o número de crianças nascidas fora do casamento, geralmente sustentadas por suas mães, dessa forma, a reprodução biológica está assegurada fora da estrutura familiar tradicional. (CASTELLS, 2006, p. 174).

### **1.1.1 – Emancipação da Mulher**

A partir da década de 1970 a participação das mulheres no mercado de trabalho sofreu um aumento estrondoso, causando uma transformação sócio-cultural irreversível em suas vidas, tendo em vista que no início do século XXI mais da metade das mulheres em idade apropriada estavam em atividades profissionais.

É fato a tomada da própria história e a ocupação que as mulheres fizeram e continuam fazendo na vida social, porém, para que saíssem do casulo em que viviam o movimento feminista teve um papel fundamental em todas as transformações ocorridas na vida de cada uma.

Por ser um movimento social, político e intelectual, o feminismo faz parte da trajetória de ascensão das mulheres, portanto deve ser pensado e lembrado, não como um movimento de mulheres infelizes lutando contra o sexo forte, mas como um movimento em prol de todas as mulheres, da escrava à madame. Buscando construir a “História Feminista”, com todas as lacunas referentes às mulheres deixadas pelos narradores da História masculina e branca preenchidas. (NUNES, 2001. p. 27).

Para conseguir sua emancipação, as mulheres precisaram se unir e lutar, tendo o movimento feminista como o grande mentor, senão de todas, mas das mais importantes vitórias que as mulheres no decorrer de sua trajetória alcançaram.

Lutar contra algo mais forte requer muita cautela e bastante astúcia, e foi isso que as mulheres, através do movimento feminista utilizaram para conseguir injetar suas idéias e demandas políticas utilizando como principal foco a luta pela cidadania, lutando bravamente ao lado dos movimentos de esquerda até conseguirem autonomia para tornar o feminismo um movimento social independente de política partidária e procurar criar uma identidade própria com demandas e características específicas.

Bruschini e Rosemberg (apud SUÁREZ, 2000, p. 22) “comentam que durante a década de 1970, a enunciação feminista devia aderir às causas de todos para infundir respeito”. Porém, na segunda metade da década de 1980, quando o regime militar entrou em

crise as demandas políticas específicas das mulheres começaram a diferenciar-se das demandas democráticas gerais, as mulheres passaram a ser vistas como desleais e a sofrer retaliações de seus antigos aliados, os partidários dos partidos de esquerda.

Segundo Rago (1995/96), o movimento feminista dividiu-se em duas correntes: as liberais e as anarquistas. As liberais, assim como as anarquistas procuravam conscientizar as mulheres e indicar os caminhos para a superação das desigualdades sexuais.

Conforme percebido, em meados do século XX, as feministas liberais observavam que mesmo após a modernização da vida social, as mulheres continuavam sendo teleguiadas pela cultura machista e que a sinhá-moça do passado estava sendo substituída pela “dondoca” compradora, compulsiva, sendo necessário um reerguimento, moral e intelectual da mulher. (NUNES, 2001, p. 27).

Portanto, conscientizar a mulher de suas potencialidades e de que era possível superar as desigualdades sexuais e as desigualdades entre as próprias mulheres tornou-se a principal bandeira das feministas liberais, que viam na educação o principal meio de resistência e de luta. (idem. p. 27).

Já na década de 1970 as organizações dos grupos feministas iniciam um movimento em recusa ao modelo de feminilidade que suas antecessoras ajudaram a fundar; subalternas ao homem. Nessa mesma década houve uma explosão de movimentos sociais contra a ditadura militar e as feministas se organizaram e se infiltraram nesses grupos com a estratégia de usar a linguagem marxista inicialmente destinada a pensar a luta entre classes sociais e não precisamente a guerra entre os sexos.

“Nesse contexto, o feminismo procurou pautar-se pela linguagem prevalecente nas esquerdas no país dominando não apenas os conceitos marxistas, mas procurando provar como cada uma das questões levantadas pelos líderes e partidos políticos de esquerda, era possível perceber também a questão feminina”. (RAGO. 1995/96, p. 34)

Através da luta pela redemocratização, as feministas conseguiram dar legitimidade às suas reivindicações, apresentando-se como um importante grupo político capaz de orientar as mulheres à sua nova condição de ator político.

Alcançado sua afirmação, as feministas passaram então, a buscar a construção de sua própria identidade, com linguagem específica, sem precisar ser a sombra da linguagem masculina, marxista ou liberal, as mulheres passaram a se organizar em inúmeras associações, além de participar dos sindicatos, partidos políticos engajados na luta pela redemocratização.

“As questões do mundo privado, da subjetividade, da família, da sexualidade, das linguagens corporais ganharam visibilidade tanto na prática cotidiana dos grupos feministas, quanto nos debates acadêmicos e nas reuniões dos militantes”. (RAGO, 1995/96, p. 37)

Nos anos 80 o feminismo já havia se firmado como movimento social e político confiável, as feministas passaram a propor novas enunciações na esfera pública, passando a pensar em si mesma com visão e linguagens próprias.

## **1.2. - Perspectivas Teóricas Sobre a Feminização do Magistério**

Segundo Bruschini e Amado (1988), O Brasil, na condição de país colônia, tinha a educação moldada pela Metrópole e restrita às elites. Condição esta que perdurou até a independência do Brasil. Com a primeira lei do ensino de 1827, pelo menos na lei, a população em geral passou a ter o direito à educação garantida. Gerando a primeira possibilidade de instrução e profissionalização da mulher, pois, não era permitida a co-educação, sendo necessária a formação de professoras para educar a clientela feminina.

Para Almeida (1998, p. 12), o magistério surgiu marcado pelo modelo de maternidade. Ele representou o primeiro passo dado pelas mulheres para conseguir inserir-se no campo profissional, conquistar liberdade e autonomia num mundo totalmente machista. Entretanto, a ocupação deste espaço ocorreu com certa resistência por parte dos seguimentos masculinos.

De acordo com Almeida (1998), até meados do século XX, o magistério era a única profissão feminina respeitável e a única forma institucionalizada de emprego para a mulher de classe média. Porém, as mulheres não podiam ter acesso aos cursos superiores, sendo obrigadas a atuarem até o fim da carreira profissional como professora primária.

Com a formalização do ensino e do currículo com a Lei Orgânica de Ensino Normal (Decreto- Lei 8530/46) e com a Constituição de 1891, a União passou a criar e controlar a instrução superior, secundária, primária e profissionalizante. Com a justificativa de que não seria preciso uma boa remuneração com o discurso de ser “uma missão digna para mulheres” (Pimenta, 2001, p. 29), e para terem uma mão-de-obra barata que não reivindicasse direitos e que, além disso, a mulher não era considerada cidadã, pois era proibida de votar, isto é, privada dos seus direitos políticos, a sociedade patriarcal cedeu um espaço à mulher no mercado de trabalho e a sua carreira profissional foi se encaminhando para o magistério. As mulheres aceitavam essas condições, pois era uma oportunidade de continuar seus estudos e possuir um contato com o espaço público, que antes só era possível com o casamento.



Para as mulheres, trabalhar fora deveria ser encarado como uma ocupação transitória, enquanto não fosse “chamada” a assumir sua “verdadeira” missão de esposa e mãe. O trabalho fora do âmbito doméstico era aceitável, portanto, para moças solteiras até o casamento, ou para mulheres sozinhas – solteiras ou viúvas. “A incompatibilidade do casamento e da maternidade com a vida profissional feminina foi (e continua sendo!) uma das construções sociais mais persistentes (...)”. (ZIBETTI, Apud Louro, 2006, p. 454).

Segundo Castells (2006, p. 170), na década de 60 houve uma incorporação maciça da mulher na força de trabalho remunerado, abalando a legitimidade da dominação do homem em sua condição de provedor da família colocando um peso insustentável sobre os ombros das mulheres com suas quádruplas jornadas diárias.

A transformação da conscientização da mulher e dos valores sociais ocorridos em menos de três décadas em quase todas as sociedades é impressionante e traz conseqüências fundamentais para toda a experiência humana, desde o poder político até a estrutura da personalidade e a transformação da economia e do mercado de trabalho estão associados à abertura de oportunidades para as mulheres no campo da educação. (idem, p. 171).

De acordo com Chamon (2005, p. 123), a feminização do magistério e os caminhos pelos quais ela aconteceu constituem uma espécie de sonegação das reais habilidades e capacidades das mulheres, ocultadas pelos interesses capitalistas em nossa cultura.

A feminização do magistério foi um potencial de poder e de liberação e não de submissão e desvalorização como se tem pretendido acreditar (ALMEIDA, 1998, p. 78). Para a autora, quando as análises sobre a inserção feminina na docência minimizam a atuação das professoras como sujeitos históricos ignorando seus comportamentos de transgressão e resistência aos padrões impostos, contribuem para que as mulheres sejam vistas como vítimas, desmerecendo mais uma vez a profissão e as próprias protagonistas desta história.

Dedicar-se ao ensino configurou-se como uma alternativa ao casamento ou ao ingresso em ocupações de menor prestígio como as de costureiras, parteiras, governantas as quais eram normalmente reservadas às mulheres. Comparada com as anteriores, a docência era uma atividade mais agradável que permitia acesso à cultura e certa liberdade pessoal. E neste sentido, significava uma oportunidade de igualar-se aos homens em termos culturais.

Entretanto, para Almeida (1998, p. 71) “[...] o maior motivo de as mulheres terem buscado o magistério estava no fato de realmente precisarem trabalhar”. Neste sentido, a concepção de maternidade e a ênfase dada ao fato de que a natureza feminina tornava as mulheres mais aptas ao exercício desta função, permitiram que as mulheres transitassem do espaço doméstico para o público.

Dessa forma, viabilizavam um cruzamento entre o público e o privado dentro das condições concretas apresentadas na época. Nesse plano simbólico, talvez possa ter-se a explicação da grande popularidade do magistério entre as mulheres e, no plano objetivo, a sua condição representada pela única opção possível para elas dentro do contexto social do período. (ALMEIDA, 1998, p. 69).

Segundo Zibetti (apud Arce, 1997, p. 27) os condicionantes femininos materializaram-se na Educação Infantil por meio da própria denominação atribuída ao longo da história da escolarização às professoras que trabalham com crianças. Para a autora o magistério vem se definindo e perpetuando como “missão feminina” desde o período de consolidação como profissão até os dias atuais se constata flagrantemente a maioria de mulheres nesta função. Ao exercerem o cargo, têm no sentido de maternidade sua principal linha de ação. Além disso, missão/apostolado de que se reveste a docência, sobretudo quando exercida pelas mulheres, imprime também esse papel: uma filiação e uma maternidade simbólicas, que encontram no magistério o lugar ideal de realização ou o lugar de realização ideal.

## II - INSERÇÃO DA MULHER NO MAGISTÉRIO

### 2.1 – O Público e o Privado: A Mulher no Magistério

A revolução industrial tira as mulheres do espaço privado e traz ao público. Nesta época, muitas mulheres pobres ingressaram nas fábricas o que era de interesse do próprio sistema capitalista, por considerá-las uma mão-de-obra mais dócil e mais barata do que a masculina. Elas cumpriam longas jornadas de trabalho e recebiam salários inferiores aos homens. Interessava ainda, ao sistema como reprodutoras da classe trabalhadora, para aumentarem o exército industrial de reserva. Trazer a mulher para o espaço público é parte do processo de democratização da vida social.

No entanto, seguindo a mesma hierarquia patriarcal da família onde a mulher é subordinada ao homem e totalmente responsável pelos cuidados com os filhos, essa saída a público não trouxe grandes mudanças para a vida da mulher, porém o magistério proporcionava-lhes, de certa forma, alguma mudança.

Acrescenta cruz:

Para as mulheres, o acesso livre, sem discriminações, às instituições existentes do sistema de educação e de empregos e às funções públicas, tende a revelar possibilidades, chances equitativas, na concorrência por emprego, salário, diploma, status social, influência e poder político. A construção histórica dos espaços público e privado traz consigo a construção das atividades humanas, a delimitação dos espaços de trabalho do homem e da mulher, além da construção dos papéis sociais de gênero masculino e feminino. (2005, p. 64).

A preocupação em definir o lugar da mulher na vida social vem desde a virada do século XIX para o século XX. Passaram a circular várias revistas voltadas para o público feminino; A Mensageira e a Revista Feminina estão entre as mais divulgadas. A revista A mensageira, porém, tinha o foco voltado mais para amenidades, visto que era voltada para

mulheres de classe média e alta. No entanto, a Revista Feminina, que circulou entre 1914-1936, era politicamente mais avançada e se propunha a preparar, organizar e conscientizar a “Brasileira Moderna”. (Raggio, 1995/96, p. 22)

A Revista Feminina lutou pelo direito do voto e o direito à educação, criticou a violência masculina contra a mulher no mundo do trabalho e na esfera doméstica, mas ainda tendo a visão da mulher redentora da moral da sociedade.

As feministas liberais consideravam-se responsáveis pela orientação das formas de conduta da mulher moderna, pela indicação do vestuário, pela organização dos gestos, do modo de se comportar, inclusive dentro do lar. Tentando criar a “mulher moderna”, incluíam na revista inúmeros artigos que discutiam desde um novo conceito de feminilidade, até a maneira correta de se relacionar com estranhos ou de agradar o marido nas horas certas. (RAGO, 1995/96. p. 24)

As escritoras da Revista Feminina, na verdade, faziam um jogo duplo e contraditório, pois em seus artigos sobre a “mulher perfeita” retroagiam as mulheres à condição servil em relação ao marido, pois propunha que a mulher amasse o esposo como a um deus, “acima de tudo”, proposta totalmente diferente dos artigos que defendiam sua emancipação pelo trabalho e pela educação.

Portanto, o feminismo não é apenas um movimento em defesa da mulher, é também um movimento em prol da cidadania.

Ao apontar problemas como a falta de creches, a necessidade da mulher ter que trabalhar para complementar a renda da família, o salário menor que o dos homens, entre outros, o feminismo põe em xeque a má distribuição de rendas, a urbanização e industrialização crescentes e o próprio sistema político do país. (RAGO. 1995/96, p. 52)

De acordo com Raggio (1995/96), durante quarenta anos os movimentos sociais sofreram uma arrefecida, porém nos anos 70 e 80, o movimento feminista conseguiu tirar as questões femininas do privado, discutindo temas-tabus nunca dantes nem sequer cogitados. A nova feminista cuida de si sem se deixar alienar pela mídia, pois agora, a beleza e a saúde não são mais privilégios das abastadas economicamente. O corpo e a saúde são apenas mais algumas das questões femininas entre aborto, cidadania, sexualidade e outras.

Ainda segundo Raggio (1995/96), surgindo enquanto movimento organizado nos anos 70, época em que as discussões em torno dos direitos das mulheres retornam com maior ênfase ao cenário político-cultural brasileiro, o feminismo fundamentou-se em uma ideologia de esquerda, denunciando a discriminação sexual aliando-se a luta contra a ditadura militar e ao debate sobre as profundas diferenças sócio-econômicas do espaço brasileiro.

De acordo com Almeida (1998), no mercado de trabalho, determinadas profissões eram consideradas masculinas, outras femininas, a exemplo do magistério, que aos poucos foi se feminilizando, isto é, considerado próprio às mulheres. O magistério enquanto campo de trabalho feminino foi definido pela ideologia patriarcal, porém, como já foi citado, esse era um campo de trabalho masculino que ao ser idealizado para a mulher passou a ser desrespeitado e banalizado exigindo que a mulher lutasse tanto pela sua autonomia quanto pela valorização de sua profissão.

As mulheres não só reivindicaram como forçaram sua inserção nesse campo profissional e conseguiram ocupá-lo em poucas décadas. É certo que a essa ocupação aliou-se uma série de fatores externos, como a necessidade de mão-de-obra, a queda do poder aquisitivo da classe média, a expansão do número das escolas e outros. (ALMEIDA, 1998, p. 208-209)

Hoje, na esfera das instituições particulares de ensino de Laranjal do Jari, a professora passa por cursos de aperfeiçoamento e treinamentos, porém todos esses cursos não passam de verdadeiros rituais de moldagens do profissional para que cumpra sua função de mercadoria, tornando-se manequins de vitrine que vestem e se desvestem conforme as estações da moda, e nesse eterno substituir, o profissional torna-se sem consciência, nega suas experiências e suas condições de sujeito ou se acostuma ao papel de fantoches nas mãos dos que pagam o custo da mercadoria.

Entretanto, no âmbito da escola pública, a professora recém aprovada no concurso chega com entusiasmo, idéias transformadoras, porém esse entusiasmo dura pouco, ao se deparar com as condições de trabalho que lhe são ofertadas ocorre um choque entre o que ela gostaria de fazer e o que lhe é possível fazer, logo começa a entrar na rotina, apenas cumprindo suas obrigações.

## **2.2 – Profissão de Magistério e as Condições de Trabalho**

Nos discursos de senso comum mais clássico, a mulher é perfeita para ser a mãe de seus filhos e continuar sua linhagem relegando ambas apenas ao papel de celebrada como um ser intuitivo, amoroso, dádivo e ao mesmo tempo, desqualificado de razão, coragem, agressividade e de outros atributos associados aos homens (SUÁREZ, 2000, p. 16). Esse discurso prevaleceu por séculos, porém, é preconceituoso e inaceitável. A mulher ao longo de sua História provou que apesar de sua docilidade jamais pode ser considerada néscio.

No Brasil, até início do século XIX, a mulher era tida apenas como objeto utilitário ou adorno: Utilitário se fosse pobre, pois serviria apenas para afazeres domésticos ou para fins sexuais; objeto de adorno se fosse filha de família abastada. Porém, tanto a mulher pobre quanto a rica deveria ter atributos de esposa reprodutora, portanto, independente da classe social a mulher era a principal responsável pelo cuidado com as crianças, o que as tornou ideal, segundo os preceitos positivistas, ideais para educar os futuros cidadãos do país.

Entretanto, muita coisa continua igual: as mulheres seguem sendo as principais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas. (Bruschini, 2007, p. 5).

No Brasil, até na década de 80, ser professora, era motivo de orgulho para a família, principalmente pela questão do reconhecimento e do respeito que se tinha pela figura da professora, mesmo o salário sendo baixo, valia a pena pelo status da profissão, mas para exercer tal profissão era necessário ter vocação.

Sem satisfação salarial e a continuar a ideologia do sacrifício na esfera do magistério, jamais haverá qualquer tipo de avanço na educação escolarizada deste país. “Abnegação não pode mais ser o mote do magistério”. (SILVA, 1999. p. 13)

Porém a profissão do magistério vem sofrendo queda constante em seu salário, trazendo frustração, insatisfação e exploração nas estruturas do magistério e parece que não interessa aos governantes a melhoria da qualidade de seus serviços, pois quanto maior for a sua ignorância menor a possibilidade de pessoas críticas do regime em que está inserida a sociedade.

O abandono do sistema brasileiro, as péssimas condições de trabalho e de salário, foram fatores preponderantes que levaram o homem a se afastar da profissão de magistério, vinculando tudo isso ao discurso oficial que ensinar crianças pequenas era um atributo feminino, era um trabalho de vocacionados à serviço da pátria, os quais deveriam pautar suas ações no amor e na virtude e não nas recompensas materiais, e deveriam se afastar da profissão todos aqueles que não simbolizassem o amor ao trabalho de ensinar, através de uma ação missionária. Na vertente do “sentimento”, não pode se afirmar que o professor esteja vivendo um período de felicidade, a menos que cego e alienado de sua própria existência na sociedade capitalista. (SILVA, 1999. p. 54).

De acordo com os relatos das professoras entrevistadas do magistério de 5ª a 8ª séries, da zona urbana de Laranjal do Jarí, enfatizaram as péssimas condições de trabalho, porém,

afirmaram gostar da profissão, tentando superar, na medida do possível, essas dificuldades. No entanto, percebe-se um grande desestímulo por parte de algumas das depoentes.

Esta questão é verificada no relato da professora de Língua Portuguesa, (5ª a 8ª séries, Escola municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe - Laranjal do Jarí - AP).

Não me vejo em outra área. Língua Portuguesa é o que eu gosto (...) dentro da própria educação eu não percebo muito isso, até pelos próprios governantes, aquele espaço físico, pelo material de trabalho, material didático, a gente vê que é precário, as salas são super quentes e a gente percebe que os governantes não estão preocupados, eles estão preocupados sim em lotar as turmas para receber a verba que vem com a quantidade dos alunos. (Barros, 2009).

No relato da professora Barros, se observa que apesar de amar sua profissão, percebe um descaso com a educação, principalmente no que se refere à qualidade do ensino, pois existem inúmeros fatores que implicam no processo ensino-aprendizagem, repercutindo na profissão de magistério.

No entanto, as entrevistadas ao se referirem à valorização de sua profissão na sociedade laranjalense, deixam transparecer descontentamento com relação à desvalorização sofrida por sua profissão, pois a professora de Língua Portuguesa (5ª a 8ª séries, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues – Laranjal do Jari – AP), assim se expressa:

(...) Se a gente considera nossos alunos e a sociedade que a gente vive, sim. (...), aí considerar a sociedade que a gente tá, nossos alunos, eu acho que ela é prestigiada pela consideração que eles têm com os professores. Agora, se considerar a parte política e econômica da sociedade (...), eu acho que não. (Costa, 2009).

Acrescenta a Professora de Língua Portuguesa (5ª a 8ª séries, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe - Laranjal do Jari - AP).

A profissão do professor infelizmente nunca foi valorizada, nem pelos doutores que passam pelas nossas mãos, pelos advogados, (...) a sociedade ela não valoriza. O estado em si não valoriza o trabalho do professor (...) o professor ele não tem muito respaldo (...) o professor é inferiorizado. (Souza, 2009).

Ainda referente a mesma questão diz a Professora de História (5ª a 8ª séries, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe - Laranjal do Jari - AP).

(...) eu vejo que a sociedade não valoriza a gente como professora, muito pelo contrario, ainda olha assim: ah, tu é professora, é? E quando é dos pequenininhos pior ainda, professorinha! (Farias, 2009).

Reflete a Professora de Língua Portuguesa (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Municipal Raimunda Rodrigues Capiberibe - Laranjal do Jari - AP).

{...} não me sinto valorizada nem mesmo dentro da própria educação, até pelos próprios governantes, pelo material de trabalho, aquele espaço físico, as salas super quente e agente vê que os governantes não estão nem preocupados {...} só querem receber a verba que vem com a quantidade de alunos. (Barros, 2009).

Corroborando com os relatos, diz Almeida (1998, p. 80) “a incorporação dos atributos afetivos em uma determinada profissão seja qual for não retira dela o conhecimento e a técnica necessária para sua valorização e correto desempenho”.

No que se refere às condições salariais e curriculares, no magistério amapaense há igualdade de gênero, no entanto, as condições discriminatórias ainda persistem na pós-modernidade, como se observa o relato da Professora de Oficina e Projetos (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues - Laranjal do Jari - AP).

(...) por outro lado, nós professores não podemos viver a nossa vida particular em público da maneira que nós gostaríamos, porque nós temos que ser modelo, professor em sala de aula ou em qualquer outro local. (Abreu, 2009).

Verificou-se na fala da entrevistada que pelo fato de ser professora e de estar presente no cotidiano de adolescentes e jovens e de estar contribuindo para a formação destes, precisa mostrar uma imagem de alguém perfeito, que tenha uma vida decente conforme as normas da sociedade.

### **2.2.1 – Mulher na Escola**

No Brasil, em meados do século XIX, foram fundadas as primeiras instituições destinadas a preparar os professores para a prática docente, as chamadas escolas normais, com uma clientela de ambos os sexos, o que era inovador para a época, logo passaram a representar freqüência predominantemente feminina. Ao se formar as novas mestras ou iam dar aulas nas poucas vagas existentes no primário para meninas ou, mais freqüentemente eram contratadas como preceptoras ou professoras particulares, nas casas ou fazendas das famílias abastadas. (BRUSCHINI e AMADO, 1988 P. 5).

Nesse contexto, a necessidade de criação de uma escola normal, com a finalidade de preparar professores para uma escola básica que se expandia em ritmo por demais moroso



para acompanhar o crescimento populacional, impunha-se como uma das prioridades no país. (ALMEIDA, 1996, p.73).

Em 1930, a escola normal passou a ser profissionalizante, exigindo-se para cursá-la, ginásio completo. O benefício às mulheres foi imediato, ampliando-se seu nível de escolaridade. Uma vez consolidada a tendência de a mulher se dedicar ao magistério primário, o ingresso maciço das mulheres no ensino superior contribuiria para consolidar também o magistério secundário como ocupação feminina, pois a grande maioria das que ingressam nas universidades dirigem-se para cursos que preparam para a docência naquele nível. (BRUSCHINI e AMADO, 1988, p. 6).

O fato de as mulheres ocuparem cada vez mais espaços na profissão, somando às formulações ideológicas que as consideravam mais capazes, pela industrialização e pela urbanização estarem ampliando o mercado de trabalho masculino, oferecendo inclusive profissões vedadas às mulheres e, possivelmente mais bem remuneradas, deve também ter contribuído para o afastamento masculino, além do propalado desprestígio da profissão e da má remuneração salarial. (ALMEIDA, 1998, p. 68)

O sistema de ensino brasileiro organizou-se desde o Império, de forma dual legitimando a distância das classes sociais polarizadas. A educação da classe dominante caracterizava-se por um ensino elementar dado por professores particulares de escolas secundárias, academias e escolas superiores, já a educação do povo compunha-se de escola primária e escola profissionalizante. O currículo da escola secundária era propedêutico e enciclopédico, porém, nas escolas normais o objetivo era preparar professores para o trabalho de ensinar na escola elementar. (Chamon, 2005, p. 77).

De acordo com Chamon (2005), esta escola primária, não era para os filhos das camadas privilegiadas da sociedade brasileira, quem freqüentava esta escola eram os poucos rapazes das camadas desprivilegiadas da população e que viam aí a oportunidade de ascensão social, porém, esta oportunidade de trabalho só os atraía enquanto não lhes fosse oferecidas outras ocupações mais rendosas e mais valorizadas socialmente.

Nos últimos anos do regime monárquico, foi dada à mulher a tarefa de instrução das primeiras letras, no entanto faltavam mulheres qualificadas para o trabalho de ensinar. Então surgem as escolas normais para instrução e educação das mulheres, ressaltando a importância delas adquirirem o hábito do trabalho para ganharem honestamente a vida e se habilitarem para o cumprimento de seus deveres de filhas, esposas e mães.

Contudo, a implantação das escolas normais ocorreu por dois motivos: o primeiro seria a necessidade de expansão do sistema de instrução elementar, onde as escolas seriam um

meio de reduzir as distâncias entre a sociedade brasileira e o processo de modernidade. Visto que tal modernidade exigia um povo disciplinado na ética do trabalho de um novo processo de produção que estava por vir. O segundo motivo seria a preparação do (a) professor (a) que atuaria no sistema de instrução elementar e que deveria contribuir para o avanço da nação sem perturbar a sua ordem. (Chamon, 2005, p. 80).

Ao aderir ao sistema de produção capitalista, o país teve a necessidade de se adequar a esse novo padrão de economia, além de acompanhar os padrões culturais da nova classe dominante. O Brasil precisava economizar e preparar seu povo para essa nova fase, e sendo a mulher mão-de-obra barata e acessível foi lhes inculcado a ideologia da “vocação”.

Em decorrência do capitalismo industrial em expansão e do processo de urbanização que o acompanhava, cabia a escola contribuir tanto na produção quanto na reprodução do social, visando fortalecer e legitimar as práticas culturais urbanas que interessavam às elites dominantes. Foi também, nesse período que as mulheres passaram a ser chamadas para cumprir a nobre missão de reprodutoras dos valores sociais. (CHAMON, 2005, p. 16).

O magistério tornou-se uma profissão feminina como estratégia de reproduzir uma nova forma de organiza o escolar condizente ao modo de produ o capitalista, que apesar de novo ainda trazia muitos traços do anterior, principalmente no que se refere à discrimina o e subordina o da mulher.

Diferente do que se especula, de que a profissão de professor passou a ser desvalorizada depois da entrada da mulher nesse campo, Chamon (2005, p. 44) afirma que a trajetória do profissional de ensino da escola pública elementar sempre foi marcada pela desvaloriza o e pelos baixos salários por parte do governo – seu novo patrão.

O ideal de professora provida de abnega o e zelo foi construído historicamente para cumprir fun es políticas, fato explícito ao serem nomeados diretores somente homens e de confiança dos políticos. Ou seja, as mulheres serviam apenas para reproduzir a ideologia vigente, inclusive sua própria submissão e aos homens era dado o poder administrativo.

A entrada da mulher na escola que a princípio a trouxe a público libertando-a das amarras masculinas apresenta diversas imagens da mulher tanto dentro quanto fora da escola, tendo em vista que essa entrada não a isentou das fun es peculiares que lhe são tidas como naturais: os cuidados com a casa, os filhos, o marido e todos os familiares.

Faria Filho (Apud Chamon, 2005, p. 142) observa que, por um lado, o salário recebido pelas professoras tende a aproxim las das categorias profissionais de mais baixo prestígio social. Por outro lado, a representa o das fun es sociais que lhe são confiadas

tende a aproximar as professoras a uma posição de destaque e prestígio, características dos grupos profissionais de maior importância política e social.

Conforme levantamento de dados em Laranjal do Jarí foi elucidado o quantitativo de mulheres no magistério como superior em relação aos homens, pois a referida pesquisa mostra que em 15 escolas Estaduais no município, sendo que 09 estão situadas na zona urbana e 06 na zona rural; o município conta também com 12 escolas municipais e 04 particulares. A pesquisa ainda revela, que o município dispõe de 602 professores, onde desse total de profissionais 434 são mulheres e 168 são homens. A partir destes dados, se revela a feminização do magistério em Laranjal do Jarí. (BARROS, 2005).

Atualmente, as perspectivas do estudo em relação ao crescimento da quantidade de mulheres no magistério se confirmaram, a quantidade de escolas da rede municipal praticamente dobrou e na rede estadual foi construída mais 1 (uma) escola, aumentando também a quantidade de professores atuando. Porém, essa pesquisa tem inquietações muito além do percentual de mulheres a mais atuando no magistério de Laranjal do Jari.

### **2.3 – Feminização do Magistério na Visão de Professoras do Ensino Fundamental de Laranjal do Jarí – AP**

No estudo realizado em Laranjal do Jari, observou-se que as mulheres ocupam um lugar expressivo no magistério de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries. Também se observou que nos últimos anos houve um aumento substancial da população ativa feminina neste município, e parte desta população, foi inserida no magistério. Este crescimento exigiu a criação de mais escolas, ampliando o mercado de trabalho e, conseqüentemente, o espaço da mulher na vida pública.

O crescimento da cidade e da população levou as mulheres à profissionalização, motivando-as a inserirem-se no magistério público, isso contribuiu para a feminização desta profissão. Mesmo com todo o reconhecimento do papel da mulher como formadora dos cidadãos para o município, havia a preocupação em manter a imagem feminina associada à função de mãe e esposa.

De acordo com o depoimento de Farias, professora de História da escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe – Laranjal do Jari - AP, a feminização do magistério dentro dos cursos de formação para professores também é comum na região de onde ela é oriunda (Nordeste do Brasil), reforçando ainda mais o paradigma da feminização do magistério no Brasil.

Professora de Matemática (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues – Laranjal do Jari - AP).

Hoje ainda na maioria das escolas você vê a predominância de mulheres na docência, mas eu acho que os cursos de formação já começam daí. Os cursos de formação, principalmente pedagogia a maioria é mulheres, letras, a gente vê os homens caminhando mais para o lado das exatas. (...) aí começa a estigmatizar os meninos de que eles são ‘boiolas’ quem vai pra letras é ‘florzinha’, acaba sendo a questão de ligar a sexualidade à profissão (...) infelizmente na nossa sociedade e desse jeito achar que quem não opta pela área de exatas não seja macho suficiente. (Chaves, 2009).

As expressões ‘boiolas’ e ‘florzinha’ utilizados pela professora Chaves têm o significado popular de homem afeminado, evidenciando a perpetuação do estereótipo de profissão feminina do magistério.

Professora de História (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe – Laranjal do Jari - AP).

Eu lembro que quando eu fiz o magistério, na minha turma, (...), tinha um rapaz só, e ele se sentia um peixinho fora d’água, coitadinho, como ele sofria preconceito, que teve uma vez que ele até brigou com um rapaz. A gente tava passeando na praça e o rapaz chamou ele de , (...) ‘qualhira’. (Farias, 2009).

O termo ‘qualira’ citado no relato da professora Farias é utilizado popularmente na região de onde ela é oriunda(Nordeste) para definir homem afeminado, tal preconceito colabora para o afastamento do homem da profissão de magistério.

Por ser uma profissão que concilia trabalhar fora e cuidar do lar e dos filhos, a profissão de magistério realiza financeiramente a muitas das informantes, como relata a entrevistada, Professora de Ed. Física (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe - Laranjal do Jari - AP) [...] eu me sustento aqui e ajudo a sustentar a minha família [...] então praticamente metade da despesa lá de casa, onde moram os meus pais, é mantida por mim. (Leite, 2009).

Professora de Geografia (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues – Laranjal do Jari - AP).

[...] então eu formei meus filhos com esse salário, Eu tenho um filho que é Biólogo e um que é Teólogo e uma filha que é enfermeira, tudo isso eu fiz com o meu salário, com o que eu ganho hoje. (Saraiva, 2009).

A condição feminina do magistério está presente até hoje nos depoimentos de algumas professoras que apesar de dizerem não considerar a profissão de magistério feminina,

consideram a mulher melhor preparada para exercer a função, pelo fato de a professora estar muito próximo da figura materna, estereótipo criado há séculos atrás.

Professora de Língua Portuguesa (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe – Laranjal do Jari - AP).

A profissão de professora é mais meiga, é mais amável. Os professores são mais grosseiros, a gente vê isso na prática né, eles são mais rudes, eles não são tão maleáveis quanto às mulheres. (Pimentel, 2009).

Segundo Saffioti (1969), o currículo feminino era diferente do masculino, às mulheres se ensinava trivialidades domésticas, aos homens geometria (matéria requisito para melhoramento salarial), o que acarretava além da diferença salarial uma segregação entre as matérias (disciplinas) e seus profissionais.

Conforme relato da Professora de Ed. Física (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe – Laranjal do Jari - AP) A mulher por natureza ela tem mais facilidade de lidar com crianças, por esse lado maternal que temos, tem mais facilidade de lidar com crianças, se identifica mais. (Leite, 2009).

Diante dos depoimentos, vale ressaltar que em pleno século XXI, a sobrevivência é conquistada a qualquer preço e o mercado de trabalho, principalmente o brasileiro está cada vez mais competitivo e apesar de o magistério ainda oferecer grande demanda de empregos, os homens preferem enveredar por outros caminhos.

Para Novaes (1984, p. 96) a feminização do magistério não é só pelo problema financeiro, da baixa remuneração que os homens não buscam o Magistério. O autor vê mais como um preconceito, um estereótipo social. Existem homens trabalhando no setor de serviços, às vezes portadores de escolaridade de segundo grau, trabalhando no comércio ou em escritórios que, considerando a sua jornada de trabalho, têm salário inferior ao das professoras. Não é que eu considere o salário das professoras alto, não há como pensar assim. O problema é que os homens não buscam o magistério porque tradicionalmente, essa é uma profissão vista como feminina, “Lidar com criança é serviço de mulher”, em casa e na escola. É assim que pensam, na nossa sociedade, não só os homens, mas, o que é pior, as próprias mulheres.

No entanto, é bom lembrar que a memória coletiva influencia muito nas escolhas pessoais de cada um. Como a profissão de magistério está intimamente ligada à função de mãe, e que segundo relatos das entrevistadas homem que faz magistério é visto como

‘florzinha’, a ideologia machista impede que alguns homens sigam a carreira de professor, mesmo sendo uma profissão com uma remuneração razoável (no caso de Laranjal do Jari-AP, tanto a rede estadual quanto a municipal pagam razoavelmente bem). Já no caso das mulheres, grande parte das entrevistadas foi influenciada por alguém, sobretudo da família.

Isto se reflete no relato da Professora de História (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe – Laranjal do Jari - AP). Eu tive a influência da minha irmã, (...) Eu cresci no meio de vários professores da minha família... (Castro, 2009) e também no relato da Professora de Oficina e Projeto (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues – Laranjal do Jari - AP) Olha, na verdade, não foi nem eu mesma que escolheu, foi a minha mãe que me obrigou a fazer isso. Na verdade, não foi escolha minha. (Abreu, 2009).

Professora de História (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe – Laranjal do Jari - AP).

Na cidade que eu morava só tinha o magistério e técnico em contabilidade (...). Daí eu fui fazer o tal magistério, mas contra a minha vontade, não era o que eu queria mesmo. (...). Com o tempo eu comecei a gostar, (...) eu até falo pro meu marido assim: que se eu não fosse professora, eu seria professora, porque eu hoje não sei mais fazer outra coisa a não ser dar aula (...) (Farias, 2009).

No relato da Professora de História (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues – Laranjal do Jari - AP) na verdade eu não escolhi a profissão, quem escolheu foi minha mãe. (...) Hoje não sei se faria outra coisa a não ser professora mesmo. (Rabelo, 2009).

Nos relatos das professoras fica explícito que apesar de não terem escolhido a profissão por decisão própria, no decorrer de suas atividades profissionais, elas passaram a gostar de ensinar no magistério e a acreditar na educação para o desenvolvimento tanto do país quanto e principalmente, do ser humano.

### **III - O MAGISTÉRIO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS**

#### **3.1 – Histórias de Conquistas de Mulheres no Magistério em Laranjal do Jari**

O Amapá, quando ainda território, possuía uma escola normal intitulada Instituto de Educação do Amapá - IETA, responsável pela formação do magistério de 1ª a 4ª séries, onde havia uma predominância na formação de professoras. Com a Constituição de 1988, acontece a transformação de Território para Estado e o novo Estado, como Estado relativamente jovem, quando ainda especialmente em Laranjal do Jari, tem poucas opções de área de formação, havendo uma ênfase muito grande, sobretudo nas décadas de 80 e 90 na formação de professores (magistério de 1ª a 4ª séries), pois o governo do estado oferecia essa formação gratuita nas escolas estaduais. Laranjal do Jarí oferecia essa modalidade de ensino através do sistema modular de ensino. A última turma formou-se no ano de 2001 com 25(vinte e cinco) formandos, sendo que na turma havia apenas 01(um) homem.

A profissionalização da mulher no magistério público deu-se em meio ao entendimento de que a educação escolar era uma extensão da educação dada em casa. Logo, a função de mãe na família era estendida à escola pela pessoa da professora. (SCHAFFRATH, 2009, P. 7).

Professora de Ensino Religioso (5ª a 8ª séries, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues, Laranjal do Jari - AP).

(...) as mulheres pelo fato de estarem mais acostumada nos seus lares lidando com seus filhos elas procuram a profissão de acordo com aquilo que elas vivem dentro da casa delas. Já os homens não, eles procuram mais trabalhos diferentes. Eles acham que são mais fortes. As mulheres por serem não mais inteligentes, mais carinhosas mais amáveis mais sensíveis, então é isso que agente busca trabalhar; a nossa sensibilidade, nosso carinho, nossa atenção. É isso aí! (Alves, 2009).

Entendimento propalado até os dias de hoje, como no depoimento da professora Alves que enfatiza o vínculo com a maternidade.

Segundo Bruschini (2007, p. 14), as conquistas das mulheres teriam se dado como resultado de vários fatores. De um lado, uma intensa transformação cultural, a partir do final dos anos 60 e, sobretudo, nos 70, dos movimentos sociais e políticos dessa década, que impulsionaram as mulheres para as universidades, em busca de um projeto de vida profissional e não apenas doméstico. A expansão das universidades públicas e, principalmente, privadas, na mesma época, foi ao encontro desse anseio feminino. (apud BRUSCHINI & LOMBARDI, 1999; 2000).

As conquistas das mulheres professoras vão além de um espaço no mercado de trabalho, em alguns casos, como no da professora Cavalcante (Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe, Laranjal do Jari – AP), onde o diretor é seu ex-aluno, a realização é pessoal, de se sentir recompensada. Ou ainda, no relato da professora Costa, professora de Língua Portuguesa (5ª a 8ª séries, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues - Laranjal do Jari – AP), que se realiza no sentido de fazer discípulos, pois se declara amante do conhecimento.

Com a exigência da LDB Lei 9394/96, de que o professor de 1ª a 4ª séries deveria obter um curso superior, o governo federal proporcionou a formação a nível superior dos profissionais do quadro efetivo do estado, porém, somente na área de Licenciatura. Com essa exigência, e a criação de um Campus da UNIFAP (Universidade Federal do Amapá) em Laranjal do Jari, a população passou a ter contato com a formação de nível superior, algo inédito, até então, nessa região. Como era privilégio apenas para funcionários estaduais, abriu-se espaço para instituições particulares passarem a fornecer esse serviço em Laranjal.

Como Laranjal do Jari é fronteira com Monte Dourado (distrito de Almeirim, Oeste do Pará, distante aproximadamente 120 km da sede) uma área industrial que não exige formação superior em larga escala, a visão inicial dessas instituições foi em cima dos professores da região, trazendo apenas cursos de Licenciatura. Apesar de já estarmos em pleno século XXI, e de o magistério ser uma carreira aberta a qualquer público, além de ter um salário razoável, a clientela desses cursos é na maioria de mulheres.

Exemplo dessa situação é a turma de formandos do curso de pedagogia da UVA (Universidade Vale do Acaraú), formada por 20(vinte) alunos dos quais apenas 1(um) é do sexo masculino.



Ainda relacionado à formação de professoras em Laranjal do Jari é importante ressaltar que a divisão dentro da própria educação, ocorre também nas áreas de formação. Percebe-se que há uma divisão entre as áreas específicas de formação, pois do universo amostral do estudo realizado de 20(vinte) professoras, 07(sete) são formadas na área de Letras e dizem nunca terem sofrido nenhum tipo de preconceito e ainda consideram sua disciplina de trabalho a mais importante de todas; História tem 04(quatro) das profissionais formadas nessa área e todas sentem que sua disciplina é menosprezada pela própria grade curricular, pois Língua Portuguesa e Matemática têm as cargas horárias maiores.

Na área de Matemática, existem somente 03 (três) professoras, no entanto, 02 (duas) dizem sofrer discriminações por parte dos colegas homens que atuam na mesma disciplina; Na área de Geografia, tem 02 (duas) professoras atuando e os problemas que enfrentam são em relação às precárias condições de trabalho que vivenciam e o descaso geral com a educação; Em Pedagogia, tem 02 (duas) professoras que estão atuando fora de sua área, trabalhando disciplinas afins e dizem estarem satisfeitas com o que estão fazendo e vivenciando; no entanto, a professora de educação física sente sua disciplina desprezada tanto pelos gestores quanto pela grade curricular. Para Leite: a educação física é tratada como um apêndice, que tem que empurrar com a barriga. Com isso, percebe-se que realmente as escolas não oferecem condições de trabalho para os profissionais dessa área.

E finalmente, a única professora formada em Filosofia (porém, atua como professora de Ensino Religioso), que foi o primeiro curso a nível superior ofertado às mulheres, foi a que explicitou mais revolta por conta do desprezo que tanto os colegas quanto a escola têm pela sua disciplina, Ensino Religioso: “Nós professores de ensino religioso não somos valorizados nem pela escola, nem pelos colegas de profissão”, desabafa Alves.

Convém lembrar que a maioria das professoras acima citadas são funcionárias efetivas das escolas campos da pesquisa (Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues e Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe).

De acordo com os depoimentos das professoras, constatou-se que as segregações mudam apenas a roupagem, pois é uma herança cultural muito forte de nossos colonizadores que infelizmente é um entrave para o desenvolvimento humano em nosso país.

### **3.1.1 – Desafios de Professora no Magistério de Laranjal do Jari.**

No início do século XX os profissionais da educação tinham certo destaque social, embora fossem mal remunerados, desfrutavam de um prestígio advindo do saber, como afirma Almeida (1998, p. 71 e 72):

Não resta dúvida de que ser professora possuía maior prestígio do que ser governanta, parteira ou costureira, e, mesmo a profissão não sendo bem remunerada, pagava melhor em relação às demais que costumavam estar reservadas às mulheres. Além disso, permitia sair desacompanhada para ir lecionar e possibilitava adquirir conhecimentos, além das prendas domésticas como era o usual. Enfim, significava uma chance de igualar-se aos homens em termos culturais.

Hoje, em Laranjal do Jari, o reconhecimento que as professoras têm é por conta do salário que recebem e que lhes dá certo status (pelo fato de a maioria das entrevistadas serem concursadas), havendo uma inversão nos valores sociais em relação ao (a) professor (a).

Conforme os depoimentos das professoras pertencentes ao universo amostral da pesquisa destacar-se-á alguns depoimentos em que a opção pelo curso de magistério se deu porque era o que tinham de acessível para o momento:

Professora de História (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe – Laranjal do Jari - AP).

Na cidade que eu morava só tinha o magistério e o técnico em contabilidade. Mais aí veio aquela questão: profissão de pobre é professora que é mais fácil de arrumar emprego, até no caso posso montar uma escolinha em casa e dar aula particular. (...) eu lembro que quando eu era criança o que eu queria fazer mesmo era ser médica. (Farias, 2009).

De acordo com o relato da professora Farias, sua entrada na carreira do magistério ocorreu pela certeza de que logo arrumaria um emprego e/ou teria uma forma de arcar com o próprio sustento.

Nesse sentido, percebe-se que para a professora, a baixa condição financeira em que vivia foi determinante na escolha da profissão, citando ainda que na região onde morava (nordeste), é cultural a profissão de professora ser atrelada à condição de profissão de baixa renda, acirrando ainda mais a discriminação e desvalorização sofrida pelos profissionais do magistério, o que contribuiu para que a referida professora abrisse mão do sonho de ser médica e aderisse à única profissão possível à sua condição financeira.

Nos depoimentos das professoras Pimentel e Chaves, fica evidente que a escolha da profissão aconteceu por falta de opção e fatores sócio-econômicos, deixando a margem o que chamamos de vocação. Max Weber recorda-nos no seu diário que o termo Beruf quer dizer,

ao mesmo tempo, profissão e vocação: convite e resposta activa (pró-femi: profissão) quer dizer, vocação. (DIAS, 2007), Também no caso do professor, apesar do seu menor prestígio social, e da sua importância decrescente, a sua vocação é a de viver ajudando os outros a realizar o seu projeto existencial, pese a dificuldade da tarefa e a humana fragilidade.

Professora de Língua Portuguesa (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe – Laranjal do Jari - AP).

A principio eu escolhi essa profissão por falta de opção. Quando eu terminei o ensino médio, não tinha no estado cursos profissionalizantes e ainda nesse período oferecia-se mais esses cursos de formação de professor. Até porque pagava melhor, então foi esse o motivo da escolha. Falta de opção. (...) quando eu comecei a estudar, o meu sonho, a minha vontade, era fazer secretariado. (Pimentel, 2009).

Professora de Matemática (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues – Laranjal do Jari - AP).

A profissão de professora porque quando eu fui pro ensino médio na escola que eu estudava era a única que eu sabia que quando eu terminasse o ensino médio eu poderia ter um emprego porque o outro era técnico de contabilidade e o que eu sabia que tinha de técnico sem emprego e como professora eu poderia fazer concurso público eu sempre pensei logo nisso. (Chaves, 2009).

Apesar de a educação ser considerada a única opção, os profissionais que nela atuam não recebem o valor e prestígios merecidos.

Professora de Ed. Física (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe – Laranjal do Jari - AP).

A educação não é coisa que dá resultado em curto prazo, os políticos que administram esse país, eles gostam de ver coisas em curto prazo. Então, a educação, (...) tem que ter no mínimo dez anos para começar a ver o fruto de um trabalho. Então, por isso, eles não dão valor, teoricamente um mandato de governo dura quatro anos, então eles querem desenvolver projetos que durem no mínimo quatro anos, (...) ela não é valorizada e não é bem vista. (Leite, 2009).

O depoimento da professora Leite, elucida um dos motivos para o descaso com a educação, porém, essa justificativa causa revolta na maioria das professoras que têm consciência da importância vital de sua profissão, pois sem a educação não há como existir as demais profissões.

Professora de Matemática (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues – Laranjal do Jari - AP).

A gente percebe que em relação às outras profissões ser professor não é nada, enquanto que é da nossa profissão que surgem os médicos, que são os mais valorizados, os advogados, os engenheiros, mas infelizmente a sociedade não reconhece, principalmente os governantes que teriam o poder de mudar isso aí e não mudam. (Chaves, 2009).

Através da inserção no magistério, a mulher teve inúmeras conquistas, estando em pé de igualdade com o homem tanto em termos de conhecimento quanto em termos salariais, porém, a batalha travada nos dias atuais é pela valorização da profissão de professora, pois se percebe no relato das depoentes que a luta pela conquista do espaço de trabalho foi alcançada, no entanto, ocorreu uma banalização da educação e conseqüentemente o desrespeito para com os profissionais que nela atuam.

### **3.2 – O Saber Disciplinar de Professoras no Cotidiano Escolar de 5ª a 8ª séries**

Sob o aspecto do saber, Tardif, Lessard e Lahaye (1991, p. 218), mostram que a relação dos docentes com os saberes não reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já constituídos, pois sua prática integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Estes autores atribuem à noção de saber, um sentido amplo que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades ou aptidões e as atitudes dos professores (as).

Entre a diversidade de saberes heterogêneos aponta-se a tipologia dos saberes disciplinares, destacando-se aqui, os saberes do conhecimento – referidos os da formação específica (Língua Portuguesa, História, Matemática, Geografia, entre outras), em que as professoras têm formação e trabalham em suas práticas cotidianas nas escolas.

Ao relatar sobre os saberes de professoras no ensino fundamental nas escolas públicas de Laranjal do Jarí, procura-se compreender como essas profissionais transmitem os seus saberes:

Professora de Língua Portuguesa (5ª a 8ª séries, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues – Laranjal do Jari - AP).

Eu acho a Língua Portuguesa (pausa) ela realmente é de uma importância muito grande porque a gente, de certa forma, é que conduz quase todas as outras disciplinas, principalmente se tratando das questões interdisciplinares. (Costa, 2009).

No relato da professora de Língua Inglesa (5ª a 8ª séries, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues – Laranjal do Jari - AP) ela diz que “não

existe saber isolado, então, procuro mostrar para meu aluno a interdisciplinaridade”. (Lima, 2009).

E também se pode observar na fala professora de História essa interdisciplinaridade, onde as disciplinas se complementam: (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe – Laranjal do Jari – AP):

A História dentro de tudo que eu venho estudando, é ela que desmistifica as outras áreas das ciências porque tudo tem uma história por trás, tudo começou de uma maneira, então eu acredito que só através da história é que a gente consegue entender a organização da humanidade. (Farias, 2009).

Dando ênfase à fala da professora Farias, Rassi & Fonseca afirmam: A História tem suas peculiaridades frente aos demais campos do saber, aqui referimo-nos ao objeto da ciência histórica e às possibilidades de trabalho educativo no campo da educação escolar e do ensino, que de forma dinâmica e dialética investe sobre esse objeto ressignificando o sentido das ações humanas no tempo e no espaço. (2006, p. 110).

Todas as depoentes desta pesquisa têm mais de oito anos de profissão e nesse contexto é estimulante perceber, das pontes construídas que há relações entre os saberes disciplinares e que uma completa a outra como se observa na fala da professora de Matemática (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues – Laranjal do Jari – AP):

...o calcular vem da Matemática, mas o escrever a palavra ela tá dentro da Língua Portuguesa e outras questões, a mesma coisa acontece com Geografia, História você tem que contar a história da matemática, porque a Matemática também tem história, [...] então, de uma certa forma, todas as disciplinas estão inseridas uma na outra e a gente jamais pode deixar de lado por ser uma área específica e dizer eu jamais posso interagir uma área dentro da outra é assim que eu penso, quanto mais eu posso ajudar o meu aluno e ele possa desenvolver é claro com certeza a gente faz. (Saraiva, 2009).

Buscar significados nas relações de saberes disciplinares que essas professoras produzem, tendo em vista sua realidade material, emocional e profissional, pode-se refletir que especialmente as professoras de Língua Portuguesa acreditam que essa disciplina entrelaça os saberes disciplinares como sendo a base de todas as disciplinas. Conforme o relato da professora de Língua Portuguesa (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe – Laranjal do Jari – AP):

Eu costumo dizer que a Língua Portuguesa é a base de todas as outras disciplinas, porque o aluno só aprende as outras áreas, História, Geografia, Matemática, a partir da Língua Portuguesa. Porque é onde é trabalhada justamente a questão da

interpretação, compreensão, não só de textos, mas a própria vida, no mundo. (Pimentel, 2009).

O Brasil possui um sistema de produção capitalista, onde o mercado de trabalho é o principal alvo, porém as professoras percebem certo despreparo de seus alunos, por isso frisam bastante a necessidade de prepará-los para a vida.

O fato de o professor (a) ser o (a) principal responsável pela formação social de seus educandos no contexto da modernidade exige que ele domine diversos saberes, fator preponderante para as professoras entrevistadas sentirem sua profissão desvalorizada.

Professora de História: (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe – Laranjal do Jari - AP).

(...) em termos de recompensa profissional, (...) ainda precisa ser bem trabalhada essa questão pra valorizar ainda mais esse profissional, que agente ver que é por onde passa o advogado, o médico e o engenheiro. Todos passam pela mão desse profissional. (Cavalcante, 2009).

Professora de Língua Portuguesa: (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe – Laranjal do Jari - AP).

(...) pra formar o cidadão competente, não basta só aplicar conteúdo, a gente também tem aquele diálogo, aquela conversa que eu acho muitas vezes mais importante do que você trabalhar um determinado conteúdo. (Pimentel, 2009).

As professoras entrevistadas contam suas histórias de vida dentro do contexto profissional. No decorrer das entrevistas, perguntou-se a respeito da realização profissional no que tange ao financeiro e obteve-se como resposta que a maioria tem consciência de que para ser uma professora competente é preciso dominar vários saberes, inclusive os tecnológicos e que a profissão exige muito da pessoa; estudos contínuos, além de inúmeras outras situações que são agregadas à profissão.

Professora de Língua Portuguesa: (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe – Laranjal do Jari - AP).

(...) não quer dizer que seja um salário comparável pela produtividade, pela atividade, pela sistematização que a gente desenvolve, porque não dá para comprar livros, (...) se você quer estabelecer, você quer ser um bom profissional, que compre livros, que gaste dinheiro com livros e esteja bem informado. (Souza, 2009).

Bruschini e Amado (1988), mostra que da mesma forma que a mãe, na vida cotidiana da família, a professora, no cotidiano da escola, pode vir a ser um agente eficaz no processo de transformação social, encontrando pequenos espaços de mudança que podem começar pelo questionamento das desigualdades sexuais.

No percurso da história, a mulher sofreu muitas discriminações tendo em vista os papéis a ela atribuídos e que seriam mais úteis ensinando nas séries iniciais, no entanto, com a “explosão desconstrutivista dos anos 80” e o avanço dos anos 90 do século XX, a mulher vem ganhando espaços em todas as áreas do saber. No magistério se observa o avanço, a partir de sua penetração nas mais diversas disciplinas consideradas masculinas como as ciências biológicas, a matemática, a física, entre outras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso do estudo emergiram questionamentos em que se buscou investigar os fatores que levaram a inserção e feminização no magistério de 5ª a 8ª séries no ensino fundamental em Laranjal do Jari. No decorrer da pesquisa, contou-se com um rico acervo bibliográfico e as entrevistas foram substanciais para que os objetivos propostos fossem atingidos.

Verificou-se que a realidade da mulher de hoje é bem diferente da vivenciada no século XIX e início do século XX, porém, através dos relatos de professoras do magistério de 5ª a 8ª séries, ficou evidente que ainda se encontram alguns resquícios do modelo patriarcal apesar da revolução feminista que permeou a sociedade brasileira e Laranjal do Jari, Município do Estado do Amapá, não poderia ficar a margem destas transformações.

A dissolução do patriarcalismo e a conscientização da mulher e dos valores sociais, ocorridos nas últimas décadas, fez com que a mulher saísse do anonimato, do seu espaço privado para inserir-se no espaço público, e, sobretudo, para o avanço de sua inserção, antes restrita somente as séries iniciais, agora em outros níveis de ensino, no caso em estudo, de 5ª a 8ª séries.

Conforme ficou demonstrado nesta pesquisa, a mulher passou a ter as mesmas prerrogativas que os homens, ela conseguiu inserir-se no campo profissional e conquistar liberdade e autonomia numa sociedade ainda machista e preconceituosa.

Com as transformações ocorridas no século XX e início do século XXI na sociedade brasileira, e, conseqüentemente no Estado do Amapá, as mulheres foram inseridas no magistério secundário e no ensino superior, consolidando assim a ocupação feminina nas várias áreas do saber. Constatou-se esta realidade através de uma amostra significativa de mulheres que pertencem ao magistério em Laranjal do Jari. Isto denota a entrada massiva destas no magistério. Esta entrada propiciou um aumento de mulheres no magistério de 5ª a 8ª séries, se configurando a feminização do magistério nestas séries.



Um dado importante verificado na pesquisa foi o fato de poucas mulheres relataram terem sofrido algum tipo de discriminação de gênero, ou por escolherem determinadas disciplinas ditas masculinas como nas áreas de Ciências Exatas.

Essa inquietação em investigar o processo de inserção da mulher no magistério e conseqüentemente, a feminização, foi verificada através dos relatos. Em Laranjal do Jari o magistério era a única oferta de trabalho que estava ao alcance das mulheres, uma profissão digna, mesmo sob o estereótipo de missão, redenção ou qualquer outro termo utilizado para definir a mulher no magistério.

Vale ressaltar que segundo os relatos, a grande maioria das mulheres ingressou no magistério por falta de opção de área de formação e, sobretudo, por ser uma área com uma demanda muito grande de emprego, sobretudo na década de 1980, período em que Laranjal do Jari foi decretado Município, logo, não foi por vocação.

Algumas das entrevistadas são oriundas do Nordeste, do Estado do Pará e de outros municípios do Estado do Amapá, residem em Laranjal do Jari há muitos anos e questionam a escassez de cursos de graduação neste município, que apesar de estarem atuando na área da educação, reconhecem que foram levadas a atuarem no magistério por falta de oportunidade em fazer cursos em outras áreas.

Finalmente chegou-se a entender que historicamente o magistério se configura como uma profissão feminina e através de conquistas e desafios, a mulher conquistou seu espaço no serviço público. As representações e o papel de professora do passado que as hostilizavam não se aplica mais no presente, pois a mulher de hoje, assume uma identidade de lutadora e competência, em pé de igualdade com o homem, ou seja, pelo saber ela penetrou nas mais diversas áreas do conhecimento, sobretudo, naquelas áreas consideradas masculinas, como nas ciências exatas. Daí, a constatação de que historicamente a feminização que acontecia até o início das primeiras décadas do século XX, somente nas séries iniciais, também ter alcançado o patamar do ensino de 5ª a 8ª séries do ensino básico.

## REFERÊNCIAS

### FONTES PRIMÁRIAS

ABREU, Lia. Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues, entrevista em 24/07/2009.

ALVES, Abigail, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues, entrevista em 15/08/2009.

BARROS, Silvia. Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe, entrevista em 15/08/2009.

CASTRO, Valeria. Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe, entrevista em 16/07/2009.

CAVALCANTE Adriana, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe, entrevista em 14/08/2009.

CHAVES, Bruna. Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues, entrevista em 27/07/2009.

COSTA, Mariza. Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues, entrevista em 27/07/2009.

FARIAS, Juliana. Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe, entrevista em 16/07/2009.

LEITE, Rosário. Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe, entrevista em 16/07/2009.

LIMA Dalva, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues, entrevista em 25/09/2009.

PIMENTEL Magnólia, Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe, entrevista em 24/07/2009.

RABELO, Naomi. Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues, entrevista em 17/08/2009.

SARAIVA, Mônica, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria de Nazaré Rodrigues, entrevista em 27/07/2009.

SOUZA, Laura. Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Rodrigues Capiberibe, entrevista em 16/07/2009.

## **FONTES SECUNDÁRIAS**

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres na Escola: Algumas Reflexões Sobre o Magistério Feminino**. Cad. Pesq. São Paulo, nº 96, p. 71 – 78, fev. 1996.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a Paixão pelo Possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

BARROS, Ângela Maria Mendes, et al. **“A participação da mulher na formação da orla fluvial de Laranjal do Jarí – década de 80”**, 70 pag. Trabalho de Conclusão de Curso ( graduação em Geografia) – UNIFAP \_ ( Universidade Federal do Amapá) Laranjal do Jarí, 2005.

BRUSCHINI, Cristina & Amado, Tina. **Estudos sobre mulher e educação.. Algumas questões sobre o magistério**, Caderno de Pesquisa, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, nº 64, 1988.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**, Pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, Coordenadora do Grupo de Pesquisas Socialização de Gênero e Raça, São Paulo, abril de 2007.

CARDOSO, Reolinda. Et. Al **“É uma mulher”**. Petrópolis. Rio de Janeiro, 1994.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo, Paz e terra, 2006.

CHAMON, Magda. **Trajatória de feminização do magistério. Ambigüidades e conflitos**. Belo Horizonte, Autentica, 2005.

CRUZ, Maria Helena Santana. **Trabalho, gênero, cidadania: Tradição e modernidade**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005, 390 p.: il.

DIAS, Carlos. **Escola: Vocação e profissão a um só tempo**. Fórum da escola católica (03,SNEC, 2007). Disponível em [http://emrc.cad\\_cascais.org/?p=42#more\\_42.b](http://emrc.cad_cascais.org/?p=42#more_42.b)

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologia Qualitativas na Sociologia**. Petropolis, RJ, Vozes Ltda, 1987.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajatórias e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (coord.). **Pesquisa Social – teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORAES, Márcia. **“Ser Humano: Quando a Mulher está em discussão”**. Rio de Janeiro. DP & A, 2002.

NOVAES, M. E. **Professora Primária: Mestra ou tia**. São Paulo: Cortez, 1984.

NUNES, Célia Maria Fernandes. **Saberes Docentes e Formação de Professores: Um breve Panorama da Pesquisa Brasileira**; Educação e Sociedade, ano XXII, nº 74, abril/2001

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?** São Paulo, Cortez, 2001.

QUIRINO, Raquel & Fidalgo, Fernando. **O sexo das Competências e a Divisão Social do Trabalho**, Grupo de Pesquisa Trabalho, Tecnologia e Educação. Apoio Fapemig e CNPq.

RABELO, Amanda Oliveira; Martins, Antonia Maria. **A mulher no magistério brasileiro: Um histórico sobre a feminização do magistério** (artigo, sem data) p. 7.

RAGO, Margareth. **Adeus ao Feminismo? Feminismo e pós-modernidade no Brasil**, Caderno AEL, nº 3-4, 1995/1996, p. 67.

RASSI, Marcos Antônio Caixeta; Fonseca Selva Guimarães. **Saberes Docentes e Práticas de Ensino de História na Escola Fundamental e Média**. Revista de História [15]; João Pessoa, jul./dez. 2006.

SAFFIOTI, Heleith I. B. **A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade**. São Paulo, Quatro Artes, 1969.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O Norte, o Sul e a Utopia In: *\_\_Pela Mão de Alice: O Social e o político na pós Modernidade*. Porto: Afrontamento, 1994.

SANTO, Joana Maria R. Di. **Interação Família – Escola**, Disponível no site: [www.centrorefeducacional.com.ba](http://www.centrorefeducacional.com.ba). Acesso em: 17 de out. 2006.

SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. **Profissionalização do Magistério Feminino: uma historia de emancipação e preconceitos**. [http: www.google.com.br/](http://www.google.com.br/) portal anped/10/06/2009. acesso em 11/09/2009

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Magistério e Mediocridade**. 4ª ed. São Paulo. Cortez, 1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Hirata, Helena Sumiko. **I Encontro de Intercâmbio de Experiências do Fundo de Gênero no Brasil: artigo: Divisão Sexual do Trabalho**, editora Ellus, Brasília, maio de 2000.

SUÁREZ, Miréia. **Gênero: uma palavra para desconstruir idéia e um conceito empírico e analítico**, editora Ellus, Brasília, maio de 2000.

TARDIF, Maurice, LESSARD, Claude e LAHAYE, Louse. **Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente**. Teoria e educação. Porto Alegre, n.4, 1991.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. **O Que Pensam Professoras de Educação Infantil Sobre a Feminização Docente?** – GEPPEA/UNIR – marlizibetti@yahoo.com.br, GT – Gênero, Sexualidade e Educação / n. 23, Agência Financiadora: CNPq.

## APÊNDICE

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Por que você escolheu a profissão de magistério?
2. Há quanto tempo você atua como professora do magistério de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries em Laranjal do Jarí?
3. Qual a sua formação acadêmica?
4. Você atua na área na sua área de formação?
5. Por que você escolheu esta área de formação?
6. Como mulher, você já sofreu algum tipo de discriminação por conta de sua área de formação?
7. Você se sente realizada com a formação no magistério?
8. Fale um pouco de sua prática e dos saberes em sala de aula?
9. Você escolheria outra área de formação, além da que você já possui, por quê?
10. Com o salário que você ganha, você se sente realizada financeiramente?
11. Na prática educacional, como se dá a socialização dos saberes disciplinares?
12. Fale sobre a inserção da mulher no magistério.
13. Fale sobre a feminização do magistério de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries.
14. Que fatores você atribui a feminização do magistério, sobretudo no ensino básico de Laranjal do Jarí?